

DOLOR BARREIRA

(O Secretário Geral da Academia leu "O almocreve", capítulo XXI das "Memorias Posthumas de Braz Cubas", 4.^a ed., Garnier, Rio-Paris, s. d., e declamou o "Soneto de Natal", pg. 330 dos "Poesias Completas".)

O ALMOCREVE

Vai então, empacou o jumento em qua eu vinha montado; fustiguei-o, elle deu dous corcovos, depois mais tres, enfim mais um, que me sacudiu fóra da sella, com tal desastre, que o pé esquerdo me ficou preso no estribo; tento agarrar-me ao ventre do animal, mas já então, espantado, disparou pela estrada fóra. Digo mal: tentou disparar, e efetivamente deu dous saltos, mas um almocreve, que alli estava, acudiu a tempo de lhe pegar na redea e detel-o, não sem esforço nem perigo. Dominado o bruto, desven-cilhei-me do estribo e puz-me de pé.

—Olhe de que vosmecê escapou, disse o almo-creve.

E era verdade; se o jumento corre por alli fóra, contundia-me devéras, e não sei se a morte não es-taria no fim dô desastre; cabeça partida, uma con-gestão, qualquer transtorno cá dentro, lá se me ia a

sciencia em flôr. O almocreve salvára-me talvez a vida; era positivo; eu sentia-o no sangue que me agitava o coração. Bom almocreve! enquanto eu tornava á consciencia de mim mesmo, elle cuidava de concertar os arreios do jumento, com muito zelo e arte. Resolvi dar-lhe tres moedas de ouro das cinco que trazia commigo; não porque tal fosse o preço da minha vida,—essa era inestimavel; mas porque era uma recompensa digna da dedicação com que elle me salvou. Está dito, dou-lhe as tres moedas.

Prompto, disse elle apresentando-me a redea da cavalgadura.

—D'aqui a nada, respondi; deixa-me, que ainda não estou em mim...

—Ora qual!

—Pois não é certo que ia morrendo?

—Se o jumento corre por ahi fóra, é possível; mas, com a ajuda do Senhor, viu vosmecê que não aconteceu nada.

Fui aos alforges, tirei um collete velho, em cujo bolso trazia as cinco moedas de ouro, e durante esse tempo cogitei se não era excessiva a gratificação, se não bastavam duas moedas. Talvez uma. Com effeito, uma moeda era bastante para lhe dar estremeções de alegria. Examinei-lhe a roupa: era um pobre diabo, que nunca jamais vira uma moeda de ouro. Portanto, uma moeda. Tirei-a, vi-a reluzir á luz do sol; não a viu o almocreve, porque eu tinha-lhe voltado as costas; mas suspeitou-o talvez, entrou a falar ao jumento de um modo significativo; dava-lhe conselhos, dizia-lhe que tomasse juizo, que o «senhor doutor» podia castigal-o; um monologo paternal. Valha-me Deus! até ouvi estalar um beijo: era o almocreve que lhe beijava a testa.

—Olé! exclamei.

—Queira vosmecê perdoar, mas o diabo do bicho está a olhar para a gente com tanta graça...

Ri-me, hesitei, meti-lhe na mão um cruzado em prata, cavaleguei o jumento, e segui a trote largo, um pouco vexado, melhor direi um pouco incerto do efeito da pratinha. Mas a algumas braças de distancia, olhei para traz, o almocreve fazia-me grandes cor-tezias, com evidentes mostras de contentamento. Adverti que devia ser assim mesmo; eu pagára-lhe bem; pagára-lhe talvez de mais. Metti os dedos no bolso do collete que trazia no corpo e senti umas moedas de cobre; eram os vintens que eu devera ter dado ao almocreve, em lugar do cruzado em prata. Porque, emfim, elle não levou em mira nenhuma re-compensa ou virtude, cedeu a um impulso natural, ao temperamento, aos habitos do officio; accresce que a a circumstancia de estar, não mais adeante nem mais atraz, mas justamente no ponto do desas-tre, parecia constituil-o simples instrumento da Pro-videncia; e de um ou de outro modo, o merito do acto era positivamente nenhum. Fiquei desconsolado com esta reflexão, chamei-me prodigo, lancei o cru-zado á conta das minhas dissipações antigas; tive (porque não direi tudo?) tive remorsos.

SONETO DE NATAL

Um homem, — era aquella noite amiga,
Noite christã, berço do Nazareno, —
Ao relembrar os dias de pequeno,
E a viva dansa, e a lepida cantiga,

Quiz transportar ao verso doce e ameno
As sensações da sua idade antiga,
Naquelle mesma velha noite amiga,
Noite christã, berço do Nazareno.

Escolheu o soneto... A folha branca
Pede-lhe a inspiração; mas, frouxa e manca,
A penna não acode ao gesto seu.

E, em vão lutando contra o metro adverso,
Só lhe saiu este pequeno verso:
«Mudaria o Natal ou mudei eu?»
